

# Na opinião de Borja, não houve erro no encaminhamento da Constituinte

- 8 JUL 1985

Da Sucursal de Brasília

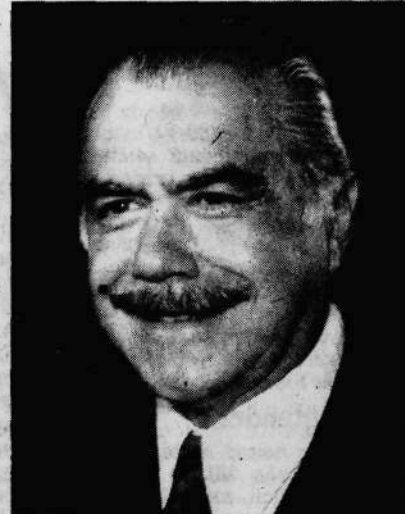
O assessor especial da Presidência da República, Célio Borja, 57, disse ontem que não houve erro no encaminhamento, ao Congresso, da mensagem de convocação da Assembléia Nacional Constituinte. "O Presidente não quis mandar o pedido de preferência para a matéria por entender que o Legislativo tinha condições de fazê-lo. Acabou cedendo a uma sugestão do presidente do Congresso, José Fragelli, que considerou a medida necessária", afirmou Borja, após audiência de quinze minutos com o presidente José Sarney, no Palácio do Planalto.

Ao contrário do que fora anunciado, Sarney não se reuniu em conjunto com seus assessores diretos no Palácio. — Célio Borja, Marcos Villaça, Jorge Murad, Rubem Recúpero, Paulo Rosemberg e Fernando César Mesquita — tendo apenas conversado em separado com os dois primeiros.

Estas reuniões isoladas com assessores se tornarão frequentes no Palácio do Planalto. Após receber Borja, o presidente Sarney esteve com seu secretário particular para assuntos especiais, Marcos Villaça, 45, com quem tratou da formação da comitiva na viagem que o Presidente fará, em agosto, ao Uruguai.

## Repartição "pobre"

Célio Borja afirmou que "o emperamento da máquina administrativa" foi o grande assunto tratado ontem. Segundo ele, "o Palácio do Planalto é a repartição pública mais pobre do País. Faltam lápis, borra-



Borja conversou com Sarney sobre a administração federal e sobre a Constituinte

cha, papel e até datilógrafos. Isso não pode perdurar, sob pena de tumultuar a administração federal". Quanto aos possíveis erros cometidos nestes quase quatro meses de governo e à controvérsia em torno da mensagem adicional a ser enviada ao Congresso pedindo preferência à convocação da Constituinte, Borja declarou: "O Legislativo pode decidir sobre qualquer questão. Não havia necessidade de o Executivo interferir. Não há remédio para a inércia do legislador, daí por que o presidente Sarney não pretendia mandar a segunda mensagem".

Ele creditou à "herança histórica de um cargo majestático" a situação de estagnação por que passa o

Palácio do Planalto. "O Presidente quer gerar políticas e coordenar sua execução e para isto o Palácio do Planalto não está aparelhado. Há um traço quase imperial na forma como foi exercida a Presidência da República, no Brasil, nas últimas décadas."

Independentemente dos encontros fortuitos que tiver com seus assessores, o presidente José Sarney os incluirá na sua agenda. Célio Borja e Marcos Villaça serão recebidos às segundas e quartas-feiras, enquanto Paulo Rosemberg, assessor especial para assuntos econômicos, e Jorge Murad, secretário particular, estarão às terças e quintas-feiras com o presidente da República.